

Alcoa

Tópico: Alcoa

Veículo: Revista Exame - SP **Data:** 17/09/2014

Página: 6,66-69

Editoria: BRASIL

66 Sustentabilidade Grandes empresas ajudam a diminuir a informalidade de pequenos negócios no interior e melhoram até o serviço público

BRASIL | sustentabilidade



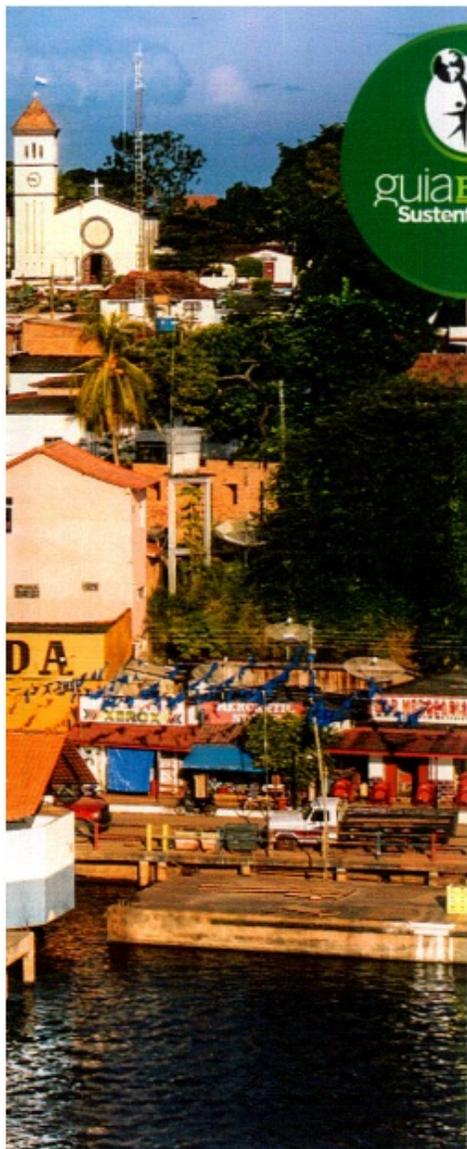
EFICIÊNCIA: em Juruti, no Pará, a produtora de alumínio Alcoa ajuda a prefeitura a melhorar a qualidade do gasto público

DIVULGAÇÃO

CHOQUE DE CAPITALISMO

Como grandes empresas que investem no interior ajudam a diminuir a informalidade, elevar o nível da gestão dos pequenos negócios e melhorar os serviços públicos nos rincões do país

FLÁVIA FURLAN



negociar com fornecedores, gerenciar estoques e cuidar das finanças. “Eu não tinha nenhuma formação em administração”, diz Ferreira. “Apanhei muito e fiz algumas trapalhadas.” As coisas só melhoraram em 2009, quando a multinacional americana de agronegócio Bunge começou a investir 600 milhões de reais na construção de uma usina de açúcar e etanol em Pedro Afonso. Com as vendas de material para as obras, as receitas da loja de Ferreira aumentaram 70%, chegando a 120 000 reais mensais. Não foi o único impulso para o negócio. Ferreira passou a frequentar cursos de administração oferecidos gratuitamente pela Bunge aos empreendedores da cidade. Nos últimos quatro anos, ele teve aulas de gestão de pessoas, planejamento financeiro, administração de tributos e técnicas de liderança. “Hoje, tenho uma empresa mais próspera e lucrativa”, afirma Ferreira.

parte da cadeia que abastece nossa empresa.” Um dos resultados é que, desde 2009, o número de empresas formais aumentou quase 20% em Pedro Afonso. Um projeto semelhante começa a ser desenvolvido em Itaituba, no Pará, onde a Bunge está concluindo a construção de um porto fluvial para o escoamento de grãos. “Mais de 60% dos negócios nessa parte do Pará são informais”, diz Claudia. “Vamos trabalhar para os donos dessas empresas se legalizarem.”

INFRAESTRUTURA

Casos como o de Pedro Afonso e Itaituba tornaram-se comuns à medida que a economia do interior do país se desenvolveu. As pequenas cidades crescem em um ritmo mais acelerado do que o das capitais. Segundo estudo do banco Itaú BBA, de 2007 a 2011 o PIB das cidades do interior cresceu 4,8% ao ano, acima da expansão média de 4% das capitais. Os dados também indicam que, no período, a participação da indústria na economia dos municípios interiora-

As empresas que marcharam para o interior nos últimos anos estão preocupadas em evitar situações que possam manchar sua reputação

FRANCISCO ALVES FERREIRA, UM TOCANTINENSE de 35 anos, entrou para o mundo do empreendedorismo em 2008. Na época, ele trabalhava numa loja de material de construção em Pedro Afonso, cidade de 12 500 habitantes a 170 quilômetros de Palmas, capital de Tocantins. “O dono da loja morreu, e os herdeiros decidiram passar a empresa adiante”, afirma Ferreira. “Achei que era uma boa oportunidade para ter meu próprio negócio.” O começo foi difícil. Suas responsabilidades passaram a ir além de atrair a clientela e fechar boas vendas — foi preciso aprender a administrar uma empresa com dois funcionários,

Desde 2010, a Bunge investiu mais de 4 milhões de reais em projetos de apoio ao empreendedorismo e treinamento de mão de obra em Pedro Afonso — até o fim do próximo ano, mais 1 milhão de reais deverá ser aplicado nessas iniciativas. O objetivo é aumentar a produtividade dos fornecedores locais e diminuir a informalidade, um problema comum nos rincões do país. “A Bunge tem como política comprar produtos e serviços apenas de empresas que cumpram as formalidades trabalhistas e tributárias”, diz Claudia Calais, diretora executiva da Fundação Bunge. “Nosso trabalho é ajudar os empreendedores locais a registrar e a profissionalizar seus negócios. Assim, eles podem fazer

nos aumentou quase 2 pontos, para 17,5%. Além disso, o interior começa a receber investimentos pesados em infraestrutura — quatro das dez maiores obras incluídas no Programa de Aceleração do Crescimento 2 estão sendo construídas em áreas do Norte e do Nordeste distantes dos grandes centros. “Nos últimos anos, o Brasil viveu um período de expansão para o interior”, diz Mario Monzoni, diretor do Centro de Estudos em Sustentabilidade da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, responsável pela metodologia do *Guia EXAME de Sustentabilidade*, o maior levantamento de responsabilidade corporativa do país. O anuário, em sua 15ª edição, será lançado no início de novembro.

O que torna este momento diferente de outros também marcados pela marcha de empresas e investidores para pontos distantes é que, agora, as companhias estão mais preocupadas com situações que possam manchar sua imagem. “As grandes companhias hoje precisam manter uma rede de relacionamento global, envolvendo instituições de financiamento, clientes e acionistas”, afirma Monzoni. “É importante afastar riscos à reputação, como sonegação fiscal ou trabalho ilegal, em algum ponto da cadeia.” Uma empresa que vem se beneficiando desse movimento é a Diagonal, consultoria paulistana especializada em projetos de integração entre grandes empreendimentos e comunidades. Desde 2007, sua clientela — hoje formada por companhias como a Bunge, a construtora Odebrecht, a cimenteira Votorantim e a Petrobras — quintuplicou. “No passado, as empresas que investiam nas fronteiras do país se

LEO CALDAS/FOLHAPRESS



GOIANA, EM PERNAMBUCO:
a Fiat investe na formação de mão de obra para sua nova fábrica

Ao fortalecer a economia local, as empresas diminuem as mazelas que costumam acompanhar os grandes investimentos

isolavam da comunidade. Os funcionários moravam em vilas separadas”, afirma Katia Mello, presidente da Diagonal. “Hoje, a principal preocupação é evitar a criação de uma ilha de prosperidade em meio à miséria.”

O resultado é uma espécie de choque de capitalismo nos pequenos municípios que recebem grandes projetos. Ao fortalecer a economia local, as empresas diminuem as mazelas que costumam surgir quando investimentos vultosos são destinados a localidades. Veja o caso da Fiat. A montadora italiana está construindo uma fábrica com capacidade para produzir 250 000 veículos por ano em Goiana, no interior pernambucano. Contratou 7 000 operários para as obras, ajudando a

eleva o nível de emprego formal na cidade. Com 78 000 habitantes, Goiana tem hoje cerca de 12 400 trabalhadores com carteira assinada, 30% mais do que em 2009. Em casos assim, é comum que, terminada a obra, parte do pessoal fique desempregada, ao mesmo tempo que a empresa se vê obrigada a atrair funcionários mais qualificados para as linhas de produção. Para evitar essa situação, a Fiat desenvolveu um programa de qualificação para que peões da construção possam trabalhar como metalúrgicos quando a fábrica estiver pronta. Outro exemplo é o do porto privado construído em Itapoá, cidade de 17 000 habitantes no litoral nordeste de Santa Catarina. Inaugurado em 2011, o em-

O QUE VEM COM OS INVESTIMENTOS



FORMALIZAÇÃO DA ECONOMIA

Os grandes empreendimentos fomentam uma **cadeia de prestadores de serviços**. Para participar, as empresas locais têm de se formalizar e seguir regras trabalhistas

POR QUE É IMPORTANTE

Os pequenos negócios que giram em torno das grandes companhias tornam-se alternativa de emprego para a **mão de obra** menos qualificada da região

EXEMPLO

A Bunge mantém um programa de formação de fornecedores em cidades como Pedro Afonso, no Tocantins, onde há uma usina de etanol desde 2011, e Itaituba, no Pará, onde recentemente foi inaugurado um porto fluvial

Número de empresas formais em Pedro Afonso (TO)

2009	203
2013	241



USINA DA BUNGE EM PEDRO AFONSO, NO TOCANTINS:
fornecedores locais

APU GOMES/FOLHAPRESS

A chegada de empresas grandes a pequenas cidades contribui para melhorar a gestão dos negócios e do poder público no local



QUALIFICAÇÃO DA MÃO DE OBRA

Para suprir suas necessidades de mão de obra, as empresas investem na **qualificação** dos moradores, abrindo novas perspectivas de trabalho e renda para eles

POR QUE É IMPORTANTE

Ao formar mão de obra local, as empresas diminuem a **rotatividade**, que tende a se acentuar quando levam funcionários de outras regiões para os rincões do país

EXEMPLO

É o que a Fiat faz em Goiana, no interior pernambucano — operários contratados para trabalhar na construção de sua nova fábrica estão recebendo treinamento para se tornar metalúrgicos

Empregos formais em Goiana (PE)



MELHORIA NOS SERVIÇOS PÚBLICOS

A presença de uma grande empresa eleva a **arrecadação de impostos** e a oferta de serviços à população. As empresas também podem ajudar a melhorar a gestão pública

POR QUE É IMPORTANTE

A ampliação de serviços públicos em áreas como **saúde e educação** é uma forma de garantir que parte da riqueza adicionalmente gerada seja distribuída na sociedade local

EXEMPLO

A Alcoa ajudou a criar um conselho de representantes da comunidade e do poder público para discutir a aplicação dos impostos em Juruti, município paraense onde há uma mina de bauxita desde 2009

PIB de Juruti, no Pará, após a instalação da Alcoa — em milhões de reais



Fontes: Diagonal e Urban Systems

preendimento gerou 600 postos de trabalho diretos e 3 000 indiretos, além de levar para a cidade um tráfego pesado de caminhões. A empresa Porto Itapoá está ajudando a prefeitura na elaboração de um plano diretor, que agora precisa levar em conta as pressões na infraestrutura provocadas pelo terminal. “Temos consciência do impacto de nosso negócio numa cidade como Itapoá”, diz Patrício Junior, presidente do porto, que tem como acionistas o grupo Battistella e as empresas de logística Aliança e Logz.

INVESTIMENTO PÚBLICO

Outro problema frequente nas cidades interioranas agraciadas com a chegada de uma grande empresa é o súbito enriquecimento dos cofres municipais — isso tanto pode ser uma bênção, caso os recursos sejam usados para melhorar os serviços públicos, quanto uma maldição, uma vez que maus gestores serão mais tentados a praticar desvios. Para tentar garantir um bom uso da riqueza que está gerando na forma de tributos, a mineradora americana Alcoa está desenvolvendo um projeto institucional em Juruti, cidade às margens do rio Amazonas, no oeste paraense, onde abriu uma mina de bauxita em 2009. A empresa criou um comitê que reúne alguns de seus executivos e representantes do poder público e da comunidade local para discutir alternativas de desenvolvimento sustentável e debater a melhor maneira de aplicar os impostos. Além disso, montou um fundo de 2 milhões de reais para atender às necessidades dos projetos — 40% desse valor já foi destinado a 21 iniciativas. Parte dos recursos começou a ser usada recentemente para incentivar o aumento na produção de castanha e de babaçu, matérias-primas florestais que interessam à fabricante de cosméticos Natura. “Nosso propósito é ajudar Juruti a diversificar as atividades econômicas para não sofrer uma excessiva dependência da mineração”, afirma Fábio Abdala, gerente de sustentabilidade da Alcoa. A bênção, afinal, não pode virar uma maldição. ■